



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO: TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

CASCIO FERNANDES DE LUCENA GOMES

**AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM  
ACADÊMICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS  
DA UFT**

ARAGUAÍNA-TO

2018

**CASCIO FERNANDES DE LUCENA GOMES**

**AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM  
ACADÊMICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS  
DA UFT**

Artigo apresentado ao curso de  
Tecnologia em Gestão de Cooperativas da  
Universidade Federal do Tocantins –  
UFT, para obtenção de graduação de  
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Orientadora: Profa. Ma. Renata Rauta  
Petarly

ARAGUAÍNA -TO  
2018

**CASCIO FERNANDES DE LUCENA GOMES**

**AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM AS ACADÊMICAS  
DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS DA UFT**

Artigo apresentado ao curso de  
Tecnologia em Gestão de Cooperativas da  
Universidade Federal do Tocantins –  
UFT, para obtenção de graduação de  
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora. Prof. Ma. Renata Rauta Petarly (Orientadora)

---

Prof. Dra. Poliana Cardoso de Oliveira (Avaliadora)

---

Prof. Ma. Clarete de Itoz (Avaliadora)

Ao Curso De Tecnologia De Gestão De Cooperativas da Universidade Federal Do Tocantins Campus De Araguaína, e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foram a melhor experiência da minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer aos meus pais Noêmia Fernandes de Lucena Gomes e Jerônimo Gomes Cavalcante, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para a realização do meu sonho.

A minha namorada Ryane Costa Almeida, que foi uma grande parceira ao meu lado. Sem você, seria tudo mais difícil.

Agradeço a professora Renata Rauta Petarly, pela sua dedicação e paciência na orientação do meu artigo. Sou grato a todos os professores que foram muito importantes na minha vida acadêmica.

Aos amigos que fizeram parte dessa nossa jornada de aprendizado e colegas pela força e torcida para que tudo desse certo.

## RESUMO

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa sobre “As mulheres no mercado de trabalho: A instituição UFT”. O estudo propõe analisar as transformações das mulheres ao longo da história da humanidade, considerando o modelo de desenvolvimento capitalista implantado no Brasil, relacionado à desigualdade de gênero e seu impacto durante a inserção da mulher no mercado de trabalho. Estudos demonstram a evolução e o aumento da inserção da presença feminina no mercado de trabalho, onde percebeu-se que ainda existe uma questão de discriminação, realidade que atualmente pode-se observar, uma vez que o impacto reflete diretamente nas relações sociais e conseqüentemente na divisão sexual do trabalho. O objetivo do estudo é identificar junto às acadêmicas da UFT que estão inseridas no mercado de trabalho, quais são as principais dificuldades enfrentadas em seus locais de trabalho e quais têm sido suas estratégias de superação e enfrentamento dessas dificuldades. O método de investigação utilizado se configurou como uma pesquisa bibliográfica e de campo, cujo resultado permitiu analisar a relação que existe entre a inserção dessas mulheres no local de trabalho e como tem influenciado em sua vida acadêmica e vice e versa, de forma a analisar as características de colocação no mercado de trabalho relativo aos cursos superiores em andamento. Outro método de investigação se deu através de uma pesquisa quantitativa, no intuito de analisar o perfil das acadêmicas, sendo a mesma realizada com dez acadêmicas, em que se percebe que apresentam poucas dificuldades no que concerne à sua inserção no mercado de trabalho.

**Palavras-Chave:** Inserção. Mulheres. Trabalho

## **ABSTRACT**

The present work is part of the research project on "Women in the labor market: The UFT institution". The study proposes to analyze the transformations of women throughout the history of humanity, considering the model of capitalist development implanted in Brazil, related to the gender inequality and its impact during the insertion of women in the labor market. Studies demonstrate the evolution and the increase of the insertion of the female presence in the labor market, where it was perceived that there is still a question of discrimination, a reality that can be observed today, since the impact directly reflects on the social relations and consequently on the sexual division of labor. The objective of the study is to identify with the UFT academics that are inserted in the labor market, what are the main difficulties faced in their work places and what have been their strategies of overcoming and coping with these difficulties. The research method used was set up as a bibliographical and field research, the result of which allowed us to analyze the relationship that exists between the insertion of these women in the workplace and how they have influenced their academic life and vice versa, in order to analyze the characteristics of job placement in higher education in progress. Another method of investigation was through a quantitative research, in order to analyze the profile of the academics, and the same was done with ten academics, in which it is perceived that they present few difficulties regarding their insertion in the labor market.

**Keywords:** Insertion. Women. Job

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>10</b>
2.1 A Mulher No Mercado De Trabalho .....	10
2.2. As Dificuldades Das Mulheres No Mercado De Trabalho.....	13
2.3. Características Da Ocupação Da Mulher No Mercado De Trabalho .....	13
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
3.1 Tipos De Pesquisa .....	15
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do projeto de pesquisa intitulado: “As mulheres no mercado de trabalho: A instituição Universidade Federal do Tocantins - UFT”. Ao longo da história as mulheres fizeram transformações importantes em diversas áreas, uma das principais ocorreu em sua posição na sociedade, deixando de ser subordinadas somente às tarefas do lar, filhos e marido, para assumir cargos empresariais e políticos, ou seja, assumindo as mais diversas profissões, buscando o direito igualitário de trabalhar e conquistar sua independência financeira.

A evolução da condição da mulher na sociedade tem provocado homens e mulheres, no sentido de obter um equilíbrio na distribuição de funções, no trabalho e na vida familiar, mas a participação das mulheres no mercado de trabalho ainda se encontra em desvantagens, pois exercem atividades que conseqüentemente resultam em um salário inferior ao masculino e com mais possibilidade de ficarem desempregadas. Entretanto, as mulheres têm ganhado espaço e mostram que podem ocupar qualquer cargo com autoridade, responsabilidade e competência.

Durante as pesquisas bibliográficas realizadas para esse estudo, obtivemos diversas informações acerca das mulheres, porém observamos a necessidade de aprofundar as análises com as acadêmicas da UFT, com o intuito de identificar as suas dificuldades no mercado de trabalho, assim como, as respectivas ocupações profissionais.

Os estudos apontam que mesmo diante das dificuldades ocorreram mudanças significativas no contexto da presença feminina no mercado de trabalho, na sociedade e as conquistas só foram possíveis devido aos seguintes fatores: persistência em adquirir satisfação pessoal, independência, investimento em sua vida profissional e pessoal; dedicação aos estudos; protestos e sacrifícios para serem ouvidas e conseguirem seus direitos de trabalhadoras.

Nesse sentido, é viável apresentar a problemática do trabalho que se configurou da seguinte forma: quais são as principais dificuldades que as acadêmicas da UFT enfrentam em seus locais de trabalho e quais têm sido suas estratégias de superação e enfrentamento dessas dificuldades?

No intuito de responder à questão problematizadora do trabalho, elaboramos alguns objetivos. Primeiramente apresentamos o objetivo geral que foi o de: Identificar com o apoio das acadêmicas da UFT que estão inseridas no mercado de trabalho, as principais dificuldades

enfrentadas em seus locais de trabalho e quais os métodos que utilizam para superar essas dificuldades.

E os objetivos específicos do trabalho, que são os seguintes: Analisar a relação existente entre a colocação das mulheres no local de trabalho, e como tem influenciado em sua vida acadêmica e vice e versa; investigar as características de colocação no mercado de trabalho das acadêmicas em relação aos seus cursos superiores em andamento.

Para alcançar esses objetivos, realizamos inicialmente uma revisão de literatura que abordou os tópicos: a mulher no mercado de trabalho, as dificuldades da mulher no mercado de trabalho e características da ocupação das mulheres no mercado de trabalho.

Após a pesquisa bibliográfica inicial realizamos uma pesquisa de campo, com aplicação de um questionário estruturado com as acadêmicas do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da UFT no intuito de identificar a relação das mesmas com o mercado de trabalho.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 A Mulher No Mercado De Trabalho**

A Revolução Francesa em 1789 possibilitou uma nova perspectiva no papel da mulher na sociedade, a partir desta época as mulheres começaram a atuar de forma mais significativa. Dentre as mudanças, destacam-se algumas questões relativas à exploração e limitação de seus direitos, cujas características marcaram a atuação da mulher buscando melhorias e condições melhores de trabalho, com o começo da participação política, o fim da prostituição, a busca à instrução e a procura da igualdade de direitos entre os sexos (HOBSBAWN, 2004).

A participação da mulher no mercado de trabalho se deu por conta da necessidade da sua contribuição nos serviços que estavam ligados ao ganho financeiro da família, esta realidade deu início na Revolução Industrial absorvendo de forma importante a mão-de-obra feminina pelas indústrias com o objetivo de reduzir os salários e também pela maior facilidade de disciplinar esse novo grupo de operárias, trazendo definitivamente, a mulher para a produção (GARCIA & CONFORTO, 2012).

Ainda conforme os autores supracitados, ao longo dos anos ocorreram grandes mudanças importantes com a participação das mulheres no mercado de trabalho. É notável que este processo se consolide a cada dia, deixando de ser apenas uma oscilação temporária, transformando o processo de incorporação do contingente feminino em um fenômeno social contínuo e persistente.

A mulher foi inserida no mercado de trabalho por conta de dois acontecimentos que marcaram a história da humanidade, e modificou a vida das mulheres. Com as guerras os homens deveriam ingressar nas frentes de batalha, situação está que admitiu que as mulheres passassem a assumir os negócios da família e a posição dos homens no trabalho. Ao final das guerras, o resultado, tinha modificado o cenário e a estrutura das sociedades mundiais, uma vez que muitos homens voltavam das guerras mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho, outros ficaram com problemas psicológicos e muitos outros foram excluídos da vida social das comunidades, entre outros, o que resultou em um novo tipo de sentimentos e atitudes por parte das mulheres. Diante destas circunstâncias, as mulheres novamente deixaram as casas e os filhos para alavancar projetos e realizar trabalhos que antes eram designados apenas a seus esposos (BALTAR E LEONE, 2008).

Outro fator que beneficiou a mulher em sua inserção no mercado de trabalho foi o desenvolvimento de métodos contraceptivos e com isso o uso do anticoncepcional, permitindo

às mulheres a liberdade de escolha de ter um filho ou quando tê-lo, podendo assim dividir-se entre as atividades de casa e do trabalho. Partindo deste princípio, as mulheres deixaram de ser apenas donas de casa e passaram a atuar em profissões como: enfermeira, professora, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era exclusivamente masculino (D'ALONSO, 2008).

Durante a primeira guerra mundial, as mulheres além da função de enfermagem, ocupavam postos de trabalho nas indústrias de confecção, produzindo uniformes para soldados, paraquedas e outros artigos têxteis e para o vestuário. Na Alemanha, na França e na Inglaterra, por exemplo, as mulheres foram solicitadas também nos meios rurais, setor de extrema importância para a sobrevivência da população e que não poderia paralisar suas atividades durante o período em que a guerra persistia. Esses primeiros trabalhos executados pelas mulheres, e reconhecidos pela sociedade, eram desempenhados em troca de uma refeição ou de uma quantia irrisória de dinheiro (TEIXEIRA, 2009).

O século XXI, com as inovações tecnológicas, o capitalismo e a globalização impulsionou a especialização das mulheres para ingressarem no mercado de trabalho com formação específica. O avanço é perceptível e ocorre diariamente com a presença feminina nas lideranças de grandes empresas e em profissões técnicas, conquistando assim o seu espaço e o mesmo vem se ampliando gradativamente. Estudos revelam que, nos últimos cinquenta anos o contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais, onde, o primeiro avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva, a continuidade do processo de urbanização e a queda das taxas de fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades de as mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade (TEIXEIRA, 2009).

Ainda segundo Teixeira (2009) é necessário que a própria mulher entenda a necessidade de separar as atividades de casa e do trabalho ou até mesmo vida pública e privada, valorizando então a sua participação constante no complemento da renda salarial familiar, inclusive, em muitas situações deixam de ser complementar para se tornar a única renda que a família tem mensalmente, partindo do princípio de se analisar os grandes índices de abandono do lar por parte dos maridos e da falta de ensino e participação dos filhos em um mercado de trabalho, cada vez mais complexo para jovens que não tem experiência profissional.

De acordo com Probst (2005) o número de mulheres em cargos importantes cresceu de forma elevada nas empresas, o que provavelmente, em um futuro próximo o perfil etário da População Economicamente ativa feminina será igualado, pois há um crescimento da taxa de

atividade para as mulheres em todas as faixas etárias, realidade apontada segundo as estatísticas que mostram que a população feminina é maior que a população masculina no Brasil, por isso há mais empregos para elas, o que se deve também a maior dedicação destas para desempenhar suas funções.

Antigamente as mulheres eram vistas como funcionárias “do lar, onde tinham seus papéis voltados única e exclusivamente para cuidar das obrigações domésticas, dos filhos e “servir” seus maridos”. (BARROS, 2012, p. xxx).

Barros (2012) ainda ressalva que a discriminação sofrida pelo gênero feminino há algumas décadas era mais visível que nos tempos atuais, as mulheres não tinham independência e nem autonomia para exercer qualquer atividade, muito menos de fazer suas próprias escolhas. Verdadeiros símbolos de servidão, pelo simples fato de serem mulheres.

Nas sociedades primitivas, a divisão do trabalho se processava da seguinte forma: aos homens eram confiadas a caça como também a pesca e à mulher, a coleta dos frutos, evoluindo mais tarde, para a cultura da terra. Na antiguidade, a história registra que a vestimenta era uma produção totalmente feminina, competindo a mulher tosquiara as ovelhas e tecer a lã, trabalhando ainda na ceifa do trigo e no preparo do pão (BARROS, 2012, p. 854).

São notórias as profundas mudanças nas últimas décadas no tocante às concepções de gênero, o que justifica uma nova condição jurídica da mulher. Observa-se também que nas antigas sociedades a posição da mulher era semelhante ao do homem, ao menos no que se diz respeito ao trabalho que por eles era explorado naquela época, descartando a ideia de que as mulheres sempre foram inferiorizadas em relação às atividades executadas por eles (GOSDAL, 2003).

Percebe-se, que na época da indústria têxtil a mão de obra das mulheres foi solicitada juntamente com a do menor, já trazendo à tona a ideia da discriminação por trás da exploração de pessoas mais vulneráveis, com o intuito de não valorizar os seus trabalhos de maneira devida (BARROS, 2012, p. 855).

Com isso, faz-se necessário uma análise em separado das formas em que a discriminação se manifesta, em vários segmentos da sociedade, inclusive no trabalho, que será objeto de estudo do próximo tópico.

## **2.2. As Dificuldades Das Mulheres No Mercado De Trabalho.**

Desde a década de 60, ou seja, desde o início da industrialização a participação das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando no país, onde muitas saem da área rural e procuram os centros urbanos atrás de emprego. Contudo, foi na década de 1990, que houve um aumento da massa trabalhadora feminina, permitindo a entrada em massa das mulheres junto ao mercado de trabalho, só que foram reservados à categoria feminina intensivos trabalhos com relação à exploração da mão de obra (ANTUNES, 2009)

Antunes (2009) também menciona que a jornada de trabalho das mulheres nesse momento histórico do Brasil foi permeada de precarização, trazendo para o mercado uma forte informalidade com importantes diferenças salariais e com aumento das horas trabalhadas, sem falar que além das suas atividades exercidas nas fábricas e nas empresas, as mulheres têm outras jornadas, cuidar do lar e dos filhos, ou seja, as trabalhadoras têm dupla jornada de trabalho, dentro e fora casa.

Inicia-se então uma diferenciação entre “[...] espaços reprodutivos ou domésticos, de domínio feminino e, produtivos ou de trabalho remunerado, predominantemente masculino” (STELMACHUK, 2012, p. 20).

De acordo com Stelmachuk (2012) a partir desse princípio, as relações de trabalho tornam-se desumanizadas quando se tratava da força de trabalho humano, crescendo uma massa de trabalhadores que se submetiam às diversas condições precárias, haja vista que em uma sociedade capitalista os empresários recebem um salário elevado e donos dos meios de produção e os trabalhadores ganham o mínimo possível, sobrevivendo sem condições de subsistência e inserção social.

## **2.3. Características Da Ocupação Da Mulher No Mercado De Trabalho**

É importante citar novamente que os dados estatísticos apontam que a população feminina é maior que a população masculina no Brasil, por isso há mais empregos para elas, o que se deve também a maior dedicação destas para desempenhar suas funções (PROBST, 2005).

Um fato importante constatado é que as mulheres se preocupam mais com sua formação profissional do que a maioria dos homens, por isso se destacam mais por sua diversidade e processos multifuncionais. Com a elevação dos níveis de escolaridade, as mulheres aumentaram as suas conquistas, como maior qualificação, facilitando ainda mais a

sua inserção no mercado de trabalho e a consolidação aos padrões menos prejudiciais para as mulheres (AZEVEDO et al. 2000).

Os autores acima mencionam ainda que, mesmo com todo o esforço feminino ainda existe muito preconceito, o que atrapalha a ascensão profissional e um salário digno para classe feminina. As mulheres vêm subindo em grandes corporações por causa da sua diversificação no grau de instrução.

Segundo D'Alonso (2008) o espaço feminino na economia nacional está se ampliando aos poucos e já representa uma boa porcentagem no total da força de trabalho. É notório que no decorrer dos anos as mulheres na medida em que se interagem começam a refletir e expor suas experiências, se tornando independente, uma vez que esse ingresso no mercado de trabalho foi demorado, porém sólido. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro aumentou consideravelmente desde a década de 1970, sendo maior aqui do que em muitos outros países de igual ou maior desenvolvimento mundial.

Ainda segundo D'Alonso, o Relatório sobre Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), de 1998, revelou que no Brasil as mulheres representavam 44% da força de trabalho, proporção essa superior à de países como o Chile (36,6%), Argentina (34,3%), Venezuela (42,1%) e México (38,4%), e até mesmo à de alguns países europeus, como Espanha (24,3%) e Grécia (26,5%).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Tipos De Pesquisa

Do ponto de vista da natureza, a pesquisa é aplicada, pois envolve um contexto com problemáticas existentes a partir da percepção das mulheres trabalhadoras que são acadêmicas da UFT e quais são as principais dificuldades enfrentadas em seus locais de trabalho e quais tem sido suas estratégias de superação e enfrentamento dessas dificuldades.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva. Segundo Malhotra (2001), a pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão e o seu objetivo é prover critérios e compreensão. Tem as seguintes características: informações definidas são acaso e o processo de pesquisa flexível e não-estruturado; a amostra é pequena e não-representativa e a análise dos dados é qualitativa e as constatações são experimentais e o resultado, geralmente, seguido por outras pesquisas exploratórias ou conclusivas. Levantamos dados e informações que conseqüentemente, foram descritos e organizados através de métodos estatísticos.

O estudo também é considerado descritivo, uma vez que segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Para a realização da revisão bibliográfica, analisamos vários estudos pertinentes à pesquisa de campo, com o intuito de contemplar os objetivos propostos. Um desses estudos se realizou em fontes como artigos publicados acerca do tema, que foram de suma importância para identificação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras que são acadêmicas da UFT. As informações obtidas serão apresentadas no próximo tópico através de um instrumento de coleta de dados, previamente elaborado, com o objetivo de demonstrar algumas análises e raciocínios pertinentes no decorrer da elaboração da pesquisa.

Visando identificar as principais dificuldades das acadêmicas inseridas no mercado de trabalho, por meio de uma pesquisa quantitativa, dirigida a dez acadêmicas, elaboramos várias perguntas, iniciando com o curso de graduação de Gestão de Cooperativas.

No dia 07 de junho do recorrente ano, foi solicitado junto à secretaria acadêmica através de um formulário de solicitação dos dados de graduação da UFT, o quantitativo de estudantes por gênero e por turno que estão matriculadas em cursos de graduação, o

quantitativo de acadêmicos por gênero e por turno que estão matriculados no curso de Gestão de Cooperativas e qual a média por gênero e por turno que os acadêmicos levam para a conclusão da graduação. No entanto, até a conclusão deste artigo, as informações não foram repassadas pela instituição, onde tais dados solicitados complementaria o estudo e o questionário aplicado junto as acadêmicas da graduação do curso de cooperativismo.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

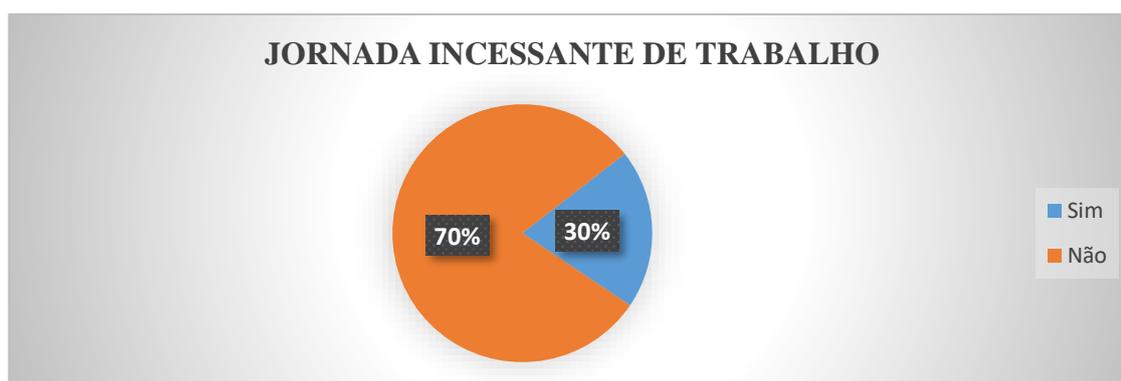
Nessa seção apresentaremos o desenvolvimento da pesquisa por meio de gráficos explicativos para melhor visualização dos dados coletados.

Com relação à pesquisa quantitativa, para traçar o perfil das 10 acadêmicas elaboramos perguntas que continham informações sobre: A jornada de trabalho; Acúmulo de função sem dispor de tempo necessário para aprofundar os estudos; Falta de preparação técnica para as atividades designadas; Falta de cooperação da equipe, se fica em uma mesma posição durante a execução de suas atividades durante todo o dia; Falta de reconhecimento em sua carreira profissional e se possuem problemas com superiores no local de trabalho.

Os dados coletados serão expostos nos gráficos de 01 a 09 contendo as respostas das acadêmicas pesquisadas, quanto as dificuldades das mesmas inseridas no mercado de trabalho.

O gráfico abaixo, mostra a jornada de trabalho incessante onde podemos observar que 70% não apresentam uma jornada excessiva, porém 30% das entrevistadas são submetidas a várias horas de trabalho isso significa um fato preocupante, já que a Constituição Federal determina que a jornada de trabalho deve ser, no máximo, de oito horas diárias e 44 horas semanais, e ainda se o profissional trabalha mais de oito horas diárias em um dia ou mais de 44 horas em uma semana, e elas não recebem pelo excesso de trabalho.

GRÁFICO - JORNADA INCESSANTE DE TRABALHO



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

O gráfico 02 abaixo, aponta uma das dificuldades apresentadas pelas acadêmicas entrevistadas que é, o acúmulo de função sem tempo para os estudos onde ocorre em torno 70% não encontram problemas em conciliar trabalho e estudo ao mesmo tempo, mas percebemos que 30% das entrevistadas demonstraram que, o acúmulo de função que ocorre

quando elas exercem, além da sua função, atividades de um cargo diferente, percebe que através dos dados coletados pelas as entrevistadas que são diretamente prejudicadas no seu aprendizado por não ter um aproveitamento adequado das teorias de seu curso, fato que de certa forma pode dificultar sua futura profissão.

GRÁFICO - ACUMULO DE FUNÇÃO SEM TEMPO PARA OS ESTUDOS.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

O gráfico 03, apresenta o perfil profissional das entrevistadas no mercado de trabalho e entre os resultados observamos que 80% das entrevistadas, não sofre com a falta de preparação técnica para as atividades designadas no mercado de trabalho atual, requer uma característica comportamental para que o profissional se adapte à nova realidade e conhecimento e tenha flexibilidade para trabalhar em equipe.

No entanto, tivemos pontos negativos onde 20% das entrevistadas possui um déficit na falta de uma preparação técnica para o exercício de sua função no seu local de trabalho, fato bastante preocupante tanto para os colaboradores como para as organizações, pela falta de investimento na capacitação do colaborador no intuito de desenvolver suas atividades diárias no seu local de trabalho.

GRÁFICO - FALTA DE PREPARAÇÃO TÉCNICA PARA AS ATIVIDADES DESIGNADA



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

No gráfico 04, descreve a falta de cooperação em equipe é algo bastante comprometedor dentro do ambiente de trabalho, realidade vivida por 30% das entrevistadas. Vários fatores podem estar ocasionando esse tipo de reação e um deles é a falta de objetivos da equipe ou até mesmo pessoas que não queiram trabalhar em conjunto e também assumir responsabilidade ou liderança por consumir muito tempo.

Mas obtivemos resultados positivos com as entrevistadas em que 70%, gosta e trabalha em equipe, já que traz benefícios e resultados vantajosos tanto para a organização como para o colaborador. Diante disso, Hackman (2000) define que o trabalho em equipe é mais do que a soma dos esforços individuais e coletivos de um grupo de indivíduos, é também a soma das necessidades, inspirações, desejos individuais e coletivos.

GRÁFICO – FALTA DE COOPERAÇÃO DA EQUIPE.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

No gráfico 05, observa-se que 60% das entrevistadas permanecem em uma mesma posição como sentado com a postura inadequada durante a execução de suas atividades e pode se tornar um risco para o colaborador, comprometendo sua saúde física e psicológica, podendo levá-lo, inclusive, ao adoecimento, com isso termina afetando o desempenho de suas atividades no seu local de trabalho.

Das entrevistadas 40% não tem problemas ou não sofrem em ficar em uma mesma posição durante a execução de suas atividades no seu ambiente de trabalho.

GRÁFICO – FICAR EM UMA MESMA POSIÇÃO DURANTE A EXECUÇÃO DE SUAS ATIVIDADES DURANTE TODO O DIA.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Percebemos que no gráfico 06, demonstra como é o relacionamento entre patrão e colaborado dentro do ambiente de trabalho das entrevistas onde podemos observar que 70% das 10 acadêmicas que participaram da pesquisa apresentam que não tem dificuldade de relacionamento dentro do ambiente do trabalho. Já 30% das entrevistadas demonstra que há umas certas dificuldades, ou seja, não tem um relacionamento positivo.

GRÁFICO – PROBLEMAS COM SUPERIORES NO LOCAL DE TRABALHO.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

No gráfico 07, observamos que os dados da pesquisa demonstram que a maioria das entrevistadas opta em estudar no período noturno pelo fato de esta inserida no mercado de trabalho no decorrer do dia e não ter tempo para estudar no período matutino, com isso perfazendo um percentual de 80% das acadêmicas. Já 20% das entrevistadas optaram por estudar no período matutino estudam.

GRÁFICO – VOCÊ ESTUDA EM QUAL TURNO?



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Na pesquisa foi questionado sobre as mulheres se sentirem submetidas no que concerne às suas condições de trabalho, o estudo contemplou 10 mulheres e 6 delas responderam que, esta situação é uma realidade comum atualmente no mercado de trabalho, onde, trabalhadoras são submetidas a condições de trabalho inadequado.

Porém, o gráfico 08, nos apresenta que 60% das mulheres acadêmicas entrevistadas quando questionada se elas são submetidas a mas condições de trabalho, elas responderam que não, o que caracteriza algo muito significativo dentro do mercado de trabalho. Algumas entrevistadas não quiseram responder o questionário totalizando uma porcentagem de 40% número bastante preocupante quando está relacionado a uma visão da inserção da mulher no mercado de trabalho.

GRÁFICO – SUBMETIDA, MAS CONDIÇÕES DE TRABALHO.

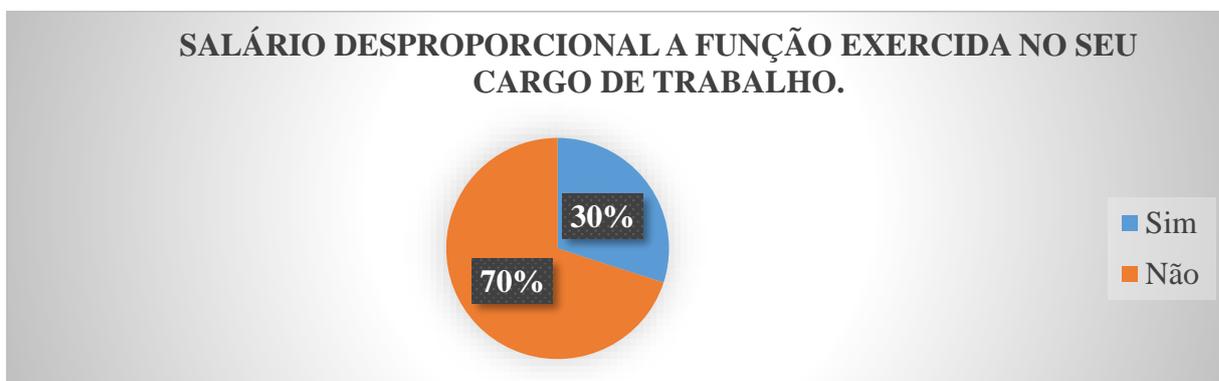


Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

No gráfico 09 demonstra que os estudo aponta que das 10 mulheres entrevistadas, 6 possuem ou desenvolvem alguma atividade remunerada, porém, 66,7% afirmam que possuem

salário proporcional a função que exerce e 33,3% afirmam que o seu salário é desproporcional a função e ao cargo que exerce.

GRÁFICO - SALÁRIO DESPROPORCIONAL A FUNÇÃO EXERCIDA NO SEU CARGO DE TRABALHO.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Podemos observar que grande parte da mão de obra em atividade no mercado de trabalho é ocupado por mulheres. Esta constatação vem ao encontro com os estudos de Heath (2013), que afirma que o número cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho, influencia em outros índices, como a redução dos casamentos prematuros e na gravidez precoce, em contrapartida, aumenta o poder e a autoridade da mulher no lar.

O questionário aplicado envolveu perguntas dissertativas com base nas dificuldades das mulheres acadêmicas da UFT em seus locais de trabalho, onde pode-se analisar como vem sendo o seu comportamento diante de tais dificuldades e de como estão procurando soluções para melhoria no seu dia a dia. Um desses grandes problemas é conciliar as dificuldades no seu trabalho com o estudo, visto que algumas entrevistadas, não conseguem separar, devido ao estresse, ou até mesmo dificuldades de sempre convencer os patrões para estarem saindo mais cedo do trabalho para chegar a tempo na aula.

Um dos questionamentos era se o curso estava beneficiando no seu dia a dia e até mesmo no seu trabalho, onde tais entrevistadas relataram que, na prática, facilitaram bastante com o aprendizado e na facilidade de estar se relacionado com as dificuldades no decorrer do seu trabalho e até mesmo com familiares, de como organizam seu tempo e conseqüentemente obter um melhor relacionamento com o mercado de trabalho e a facilidade de interpreta dados de maneira mais simplificado.

Ao analisar as respostas dissertativas das entrevistadas, observa-se que não encontraram dificuldades no mercado de trabalho por ser do sexo feminino, mas sim por

serem submetidas uma jornada de trabalho bastante incessante e com acúmulo de função sem uma remuneração adequada a função exercida. Podemos observar nas entrelinhas das respostas que as acadêmicas esperam que a formação no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas poderá melhorar a sua vida diante o mercado de trabalho.

Apresentar-se agora algumas tabelas com perguntas e respostas das acadêmicas sobre o tema investigados por meio de entrevistas.

**TABELA 1 – Seu trabalho te ajuda no dia a dia da faculdade? Como?**

<b>Respostas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Não	05	50%
Sim	01	10%
Sim, algumas coisas que falei na faculdade eu já sabia	01	10%
Sim, em diversas coisas que faço no meu trabalho	01	10%
Sim, sempre tem um exemplo nas aulas relacionado ao que faço	01	10%
Não trabalha	01	10%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Através dos dados obtidos nas entrevistas com 10 acadêmicas, identificamos que as pesquisadas têm opiniões diversas em relação a ajuda que o seu trabalho oferece no dia a dia da faculdade, perfazendo um percentual de 50% das acadêmicas entrevistadas, responderam que seu trabalho não ajuda no dia a dia da faculdade, 10% responderam que sim, 10% explicaram que algumas coisas que falei na faculdade já era do seu conhecimento, 10% relatam que em diversas coisas que faz eu seu trabalho ajuda diariamente na faculdade, por fim, 10% afirmam que sempre têm exemplos apresentados em sala de aula que é benéfico em seu trabalho.

O estudo aponta que a maioria das acadêmicas possuem ou desenvolve alguma atividade remunerada, ou seja, 90% destas mulheres representam grande parte da mão de obra ativa no mercado de trabalho. Somente uma acadêmica, o que representa 10% das entrevistadas, respondeu que não trabalha. Esta realidade vem ao encontro com estudos que afirmam que vem aumentando cada vez mais o número de mulheres no mercado de trabalho, e este influência de certa forma em outros índices, como a redução dos casamentos

prematureos e na gravidez precoce, e em contrapartida, esta realidade aumenta também o poder e a autoridade das mulheres no lar (HEATH, 2013).

É importante ressaltar que, durante muitos anos as mulheres estiveram submetidas aos homens através da restrição de alguns direitos, entre eles o acesso ao ensino superior. No decorrer dos anos este cenário se modificou, mais precisamente entre os anos 80 e final da década de 90, a inserção da mulher no mercado de trabalho aumentou consideravelmente 35%, principalmente em função da sua escolaridade ser considerada maior dentre estes anos (PAZELLO, 2006).

**TABELA 2** – Quais são as principais atividades que você realiza no dia a dia do seu trabalho?

<b>Respostas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Secretária	05	50%
Vendas, atendimento ao cliente	01	10%
Organização e lançamento de nota fiscal	01	10%
Cotação de material	01	10%
Serviço bancário	01	10%
Não trabalha	01	10%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

O estudo realizado com as mulheres acadêmicas mostra que, 50% das pesquisadas possui cargo de secretaria no mercado de trabalho, 10% das participantes trabalha com vendas e atendimento direto ao cliente, 10% trabalha com organização e lançamento de nota fiscal, 10% exerce atividade de cotação de material, 10% realiza serviços bancário, e somente 10% destas mulheres não trabalha, ou seja, não realiza nenhuma atividade remunerada.

Em continuidade, a pesquisa buscou verificar se as mulheres acadêmicas participantes possuem alguma atividade remunerada, ou seja, algum cargo profissional no mercado de trabalho e 90% responderam que sim, exercem atividades remuneradas.

Percebe-se, que mesmo com o progresso da mulher no mercado de trabalho, esta não ficou isenta de suas tarefas domésticas, o que significa que as mulheres trabalham mais horas que os homens, o que caracteriza uma dupla jornada de trabalho, ou seja, as mulheres que trabalham fora de casa tem uma grande sobrecarga em horas semanais dedicadas aos afazeres

domésticos, em cerca de 25 horas semanais, frente as dez horas de trabalho doméstico semanal dos homens (IPEA, 2011).

**TABELA 3** – Você encontra dificuldades no mercado de trabalho por ser uma pessoa do sexo feminino? Quais?

<b>Respostas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Não, nunca encontrei	08	80%
Sim, o preconceito que existe contra as mulheres	01	10%
Sim, desvalorização na questão salarial	01	10%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

A tabela 3, mostra que 80% das pesquisadas não encontram dificuldades no mercado de trabalho por ser uma mulher, 10% relata que já sofreu preconceito no mercado de trabalho por ser do sexo feminino, e 10% afirma que já encontrou dificuldade no mercado de trabalho por ser do sexo feminino, onde a desvalorização salarial foi apontada como uma realidade dificuldade enfrentada pela a entrevistada.

Os dados constataam que, as mulheres no decorrer de suas carreiras sofrem alguma hostilidade, prejulgamento e intolerância de alguns homens ou até mesmo das organizações nas quais estão inseridas. Esta dessemelhança é identificada quando as mulheres buscam postos no mercado de trabalho, em razão de que, durante anos, os cargos eram destinados aos homens e as mulheres obtinham mais espaço somente no mercado informal (FERREIRA, 2012).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi identificar junto às acadêmicas da UFT que estão inseridas no mercado de trabalho, quais são as principais dificuldades enfrentadas em seus locais de trabalho e quais tem sido suas estratégias de superação e enfrentamento dessas dificuldades, uma vez que até pouco tempo este mercado era dominado por homens.

Os estudos apontaram que a maioria das pesquisadas são mulheres acadêmicas que possuem atividades laborais remuneradas, perfazendo um percentual de 90% que exercem algum cargo profissional no mercado de trabalho, onde a maioria não encontra dificuldades no mercado de trabalho em que está inserida por ser do sexo feminino.

Todos os objetivos do estudo foram contemplados, possibilitando conhecimentos que permitiram identificar especificamente as dificuldades enfrentadas em seus locais de trabalho pelas acadêmicas da UFT, especificamente no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, analisando a relação existente entre a colocação dessas mulheres no local de trabalho e como tem influenciado em sua vida acadêmica e vice e versa. A desigualdade de gênero surge quando a mulher fica designada ao espaço privado e ao homem cabe o espaço público, ocorrendo a divisão social do trabalho, que evidencia a divisão sexual do trabalho, com isso percebe-se que a mulher tem menos acesso ao crédito e à propriedade, sujeitas também ao subemprego e menores salários.

No decorrer das análises, observamos que as características de colocação no mercado de trabalho dessas mulheres em relação aos seus respectivos cursos superiores em andamento, e dessa forma foi possível constatar que apesar da evolução da mulher no mercado de trabalho em atividades que já foram exclusivamente masculinas, ainda existe preconceitos, muito embora, as mulheres vêm construindo o seu espaço com instrução e dedicação, lutando constantemente contra as discriminações e a desvalorização salarial.

Por fim, esperamos que o estudo contribua efetivamente com a evolução e a inserção das mulheres acadêmicas no mercado de trabalho, uma vez que com tantas adversidades as mulheres têm alcançado postos e conquistado respeito nas diversas esferas que estão inseridas, mostrando extrema dedicação e profissionalismo nos seus gerenciamentos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. 10. Rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009. (Série Mundo do Trabalho).

ASSIS, R. H. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 6., São Paulo. **Anais...** São Paulo: CONVIBRA, 2009. Disponível em: <[www.convibra.com.br/2009](http://www.convibra.com.br/2009)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

AZEVEDO, SÉRGIO G. de; MENEZES, Wilson Ferreira e Fernandes, Cláudia Monteiro. **Fora de lugar. Crianças e adolescentes no mercado de trabalho**. Salvador: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), 2000.

BALTAR, P.; LEONE, E. T. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v.25, n.2, p. 233-249, jul/dez. 2008.

BARROS, Alice Monteiro de. **Curso de Direito do Trabalho**. 8ª. ed. São Paulo: LTr,2012.

BERTONI NETO, J.; TARGINO, I. Desigualdades entre Mulheres e Homens no Mercado de Trabalho Nordeste nas Décadas de 1990-2000. **Revista OKARA: Geografia em Debate**, v. 6, n. 2, p. 240-262, 2012.

D' ALONSO, G.L. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias**. *Psicol Am Lat. México*. N.15, dez. 2008. Disponível em < <http://www.inesc.org.br>> Acesso em 17 de abril de 2018.

FERREIRA, Maria da Luz. **As desigualdades de rendimentos por gênero na RMBH e no município de Montes Claros**. In.: SOUZA, Márcio Ferreira (ORG.). **Desigualdade de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010. p. 151 – 170.

GARCIA, Lucia dos Santos e CONFORTO, Ecléia. **A inserção feminina no mercado de trabalho urbano brasileiro e renda familiar**. Acesso em 10 de junho de 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOSDAL, Thereza Cristina. **Discriminação da Mulher no Emprego**. Curitiba:Genesis, 2003.

HEATH, Rachel. **Women's Access to Labor Market Opportunities, Control of Household Resources, and Domestic Violence: Evidence From Bangladesh**. World Development, v. 57, p. 32–46, 2014. Acesso em: 13 jul. 2018.

HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções 1789-1848**. 18 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE, Eugênia Troncoso. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade de renda domiciliar per capita no Brasil: 1981 – 2002**.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato da desigualdade de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: IPEA, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAZELLO, Elaine Toldo. **A maternidade afeta o engajamento da mulher no mercado de trabalho? Um estudo utilizando o nascimento de gêmeos como um experimento natural**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612006000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612006000300004)>. Acesso em 01 jul. 2018.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de Trabalho**. 2005. Disponível em: < <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> > Acesso em 05 de março de 2018.

ROSADO, A. P. N. et al. Disparidade de Gênero nas Relações de Trabalho no Brasil nos Anos de 2007 e 2008. **Revista OIKOS: Brasileira de Economia Doméstica**, v. 22, n.2, p.233-257, 2011.

STELMACHUK, M. S. L. **Mulheres do Século XX: Memórias e Significados de sua Inserção no mercado formal de trabalho**. Tese (Trabalho de Pós-Graduação - Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

TEIXEIRA, Cíntia Maria. **As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Vol. 25 n. 2, pp. 237-244, Abr-Jun, 2009.